

Continuidades e descontinuidades entre trabalho de cuidado não remunerado e remunerado: por uma análise a partir da desvalorização e das demandas emocionais do trabalho

Anna Bárbara Araujo⁸⁷

Resumo:

O presente artigo discute o cuidado a partir da articulação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo. São brevemente apresentadas as mudanças históricas ocorridas no contexto do cuidado, para em seguida refletir sobre sua dimensão generificada, corporal e subalterna que contribuem para sua desvalorização e para o desequilíbrio de poderes entre homens e mulheres. Em seguida são analisadas as demandas emocionais do trabalho de cuidado pago – especialmente o cuidado de idosos – frente às exigências de sua transformação em mercadoria.

Palavras-chave: Cuidado; trabalho de cuidado; desvalorização do trabalho feminino.

Abstract:

This article discusses the care from the standpoint of the articulation between productive and reproductive work. First, the historical changes in the context of care are briefly presented, then, we analyse their gendered, bodied and subordinated dimension that contributes to its devaluation and to the imbalance of power between men and women. Finally, we analyze the emotional demands of paid care work - especially caring for the elderly - facing the requirements of their commodification.

Key-words: care; care work; devaluation of women's work.

1. Introdução

⁸⁷ Anna Bárbara Araujo possui graduação em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), sua monografia discorreu sobre o cuidado em equoterapia. Hoje cursa o segundo ano do mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA-UFRJ) e tem interesse nos temas de cuidado e divisão sexual do trabalho. Atualmente pesquisa a relação entre a família de idosos, cuidadoras e empresas que agenciam os serviços destas no que toca os modos de compreensão do que é e do que deve ser o cuidado. É também assistente editorial da Current Sociology.

Algumas transformações sócio-demográficas e culturais ocorridas ,nas últimas décadas, impactaram significativamente tanto a oferta quanto a demanda de cuidado, produzindo assim, “novas configurações das atividades tradicionais do *care*” (Hirata e Guimarães, 2011, p. 152). Essas transformações foram impulsionadas por diversos fatores, mas dentre eles vale destacar as melhorias nos serviços de saúde e saneamento e a crescente urbanização, que de um lado, promove o maior acesso a esses serviços e de outro, permite que as famílias sejam menores, uma vez que os filhos, sinônimo de mão de obra no meio rural, na cidade passam a representar pesados gastos para as famílias de classe média, uma vez que a exigência de educação retarda sua entrada no mercado de trabalho e assim, a geração de dividendos para a família⁸⁸. Estas transformações serão brevemente mencionadas a seguir.

O envelhecimento da população humana é uma tendência que – embora esteja afetando os diferentes países e regiões dentro dos países, com graus e velocidades variados – tem escala global (Hirata e Guimarães, 2011). Dentro desse grupo, aumenta a proporção das pessoas mais idosas (com 80 anos ou mais), aquelas que precisam, *grossa modo*, de mais atenção e cuidado em virtude do deterioro físico e mental (Camarano, 1999). Essas mudanças demográficas alteraram significativamente a demanda por cuidado – isto é, não apenas aumenta-se a necessidade de cuidadores, como também cresce o período de tempo durante o qual os idosos necessitarão de cuidados.

Por outro lado, a redução no tamanho das famílias, os sucessivos casamentos e principalmente a entrada das mulheres no mercado de trabalho, tornou mais rara a possibilidade da prática do cuidado enquanto trabalho não pago realizado dentro da unidade familiar pelas mulheres e direcionado aos idosos, crianças e doentes. A dimensão generificada do trabalho de cuidado será discutida com mais detalhes a seguir (seção 3).

O presente texto toma as mudanças ocorridas no contexto do cuidado como centrais para discutir as continuidades e descontinuidades entre o trabalho de cuidado não pago e o trabalho de cuidado pago. Para tal, o trabalho é dividido da seguinte forma: primeiro, é buscada uma definição de cuidado – definição essa que é sempre provisional, mas que se faz necessária na medida em que auxilia na compreensão dos processos de cuidado e de sua relação com as discussões de gênero, isto é, permite analisar de que modo o cuidado é construído enquanto trabalho feminino e quais as consequências dessa construção na esfera doméstica e no mercado de trabalho. Em seguida, são analisadas as articulações entre a dimensão reprodutiva e produtiva do cuidado a partir de sua desvalorização e das demandas emocionais implicadas na realização deste trabalho na família e no mercado.

Para a realização dessa análise, serão referenciadas discussões teóricas de diversas autoras e autores sobre a temática de gênero e especialmente sobre a divisão sexual do trabalho, bem como serão apontados dados empíricos extraídos de uma pesquisa realizada com cuidadoras em Instituições de Longa Permanência para Idosos do Distrito Federal (doravante ILPs).

2. Definição de cuidado

⁸⁸ Nesse sentido, para Bourdieu (2007) o malthusianismo pode ser entendido como uma característica das classes médias. A diminuição da prole significa tanto a diminuição das despesas familiares com consumo quanto a chance de realizar maiores investimentos educativos com cada filho.

O cuidado é um termo bastante polissêmico e de difícil definição. Os usos êmicos e práticos do conceito dizem respeito a uma infinidade de práticas, como cuidar da casa, cuidar das crianças, cuidar dos pais e dos doentes (Hirata e Guimarães, 2011). Sob este aspecto, as autoras fazem uma distinção entre o cuidado das tarefas domésticas, o cuidado das crianças e o cuidado dos doentes e idosos (*Idem*). Embora eu acredite que essa distinção seja fundamental, minha perspectiva vai na direção de não considerar as tarefas domésticas enquanto cuidado.

Por cuidado entendo, portanto, seguindo a acepção de Bubeck (1995), o conjunto de atividades onde as necessidades de uma pessoa são satisfeitas por outra, numa relação face a face, e onde as necessidades são de ordem tal que a pessoa que recebe o cuidado não poderia realizar as tarefas por si mesma. Nesse sentido, me filio a distinção que Tronto (2007) faz entre cuidado (associado aos papéis de mãe, enfermeira, cuidadora profissional, por exemplo) e serviço pessoal (que consiste em trabalhos como o de cozinheiras e empregadas domésticas, em que a pessoa que recebe o “cuidado” poderia realizar as tarefas por si mesma, mas *escolhe* delegá-la a outrem).

Dessa forma, o trabalho de cuidado é entendido aqui como o conjunto de ocupações que promovem um serviço que visa desenvolver as capacidades do outro (England, 2005). Assim, o cuidado diz respeito a uma série de atividades que se realizam a partir da agência sobre o outro e sobre o corpo do outro, onde esse *agir sobre o outro* é plasmado por símbolos e linguagens que transcendem a lógica puramente técnica.

3. O cuidado como função feminina

A divisão sexual do trabalho foi tema de interesse de diversas teóricas e teóricos do gênero (cf. Devreux, 2005; Ortner, 1979; Crompton, 2006; Singly, 2007). Em comum, esses autores têm ressaltado como o *trabalho reprodutivo*, isto é, aquele que assegura a continuidade das pessoas e da vida – por oposição ao *trabalho produtivo*., aquele que produz valor – tem sido historicamente atribuídos às mulheres, que o exercem na privacidade do mundo familiar⁸⁹.

Deste modo, o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, idosos e doentes são tidos como trabalhos femininos. E o são em dois sentidos: (i) são realizados por uma proporção maior de mulheres do que de homens e; (ii) são considerados, em alguma medida, enquanto realização daquilo que é essencial e natural à mulher. Isso implica que, muitas vezes, os papéis sociais atribuídos às mulheres sejam simbolizados enquanto derivações diretas de sua ‘fisiologia’ e de sua função procriativa e maternal (Ortner, 1979). Assim, cria-se a ideia de que a mulher seria uma ‘cuidadora natural’, cujo dever repousaria na proteção da família e na manutenção de seu bem-estar. Não obstante, esse modelo da mulher cuidadora natural se assenta na matriz de um tipo de família histórico e localizado, conforme argumenta Singly (2007):

⁸⁹ As feministas socialistas se empenharam em complexificar o modo como se entende a relação entre a produção, associada ao mundo capitalista e a reprodução associada ao mundo doméstico, no entanto, essa discussão foge ao escopo desse texto. Para uma abordagem crítica desse debate ver: Weeks (2008).

Do século XIX até os anos 1960, constatamos uma coincidência entre a instituição do casamento e a focalização nas relações interpessoais. Três elementos formam um modelo de referência até hoje pouco contestado: o amor no casamento; *a divisão estrita do trabalho entre o homem e a mulher*, a atenção à criança, à saúde e à sua educação. Durante meio século (1918-1968), *o fato de o homem trabalhar fora para ganhar o dinheiro da família e de a mulher ficar em casa para se ocupar, o melhor possível, dos filhos é uma evidência em todos os meios sociais* (p. 130, grifos meus).

A identidade feminina para com o cuidado, até então garantida pela permanência da mulher no espaço doméstico, começa a ser posta em xeque, na medida em que as mulheres começam a entrar no mercado de trabalho, especialmente após a década de 1960. Essa entrada foi fundamental para lançar luz sobre o trabalho reprodutivo, até então experimentado enquanto proteção naturalizada, construída na intimidade familiar e tida como atribuição feminina, uma vez que a entrada das mulheres na esfera pública por si só questiona sua alegada pertença natural, irrevogável e inegociável ao mundo doméstico. As políticas públicas de assistência social relacionadas ao *care* também tem papel fundamental nesse processo, conforme argumentam Hirata e Guimarães (2011):

O *care* remete à questão de gênero, na medida em que essa atividade está profundamente naturalizada, como se fosse inerente à posição e à disposição (*habitus*) femininas. Mas, na medida em que o *care* se manifesta como ocupação ou profissão exercida em troca de uma remuneração, o peso e a eficiência crescentes das políticas públicas tornam-se verdadeiras bombas de efeito retardado, visto que questionam a gratuidade do trabalho doméstico e a sua circunscrição ao grupo social das mulheres, e desafiam a ideia de “servidão voluntária” inerente a esse serviço quando realizado no espaço privado do *domus*. Vale dizer, a emergência do *care* como profissão implica o reconhecimento e a valorização do trabalho doméstico e do trabalho familiar como “trabalho”; em outras palavras, a associação do trabalho de *care* com uma profissão feminina deixa de ser natural (p. 156).

Os efeitos dessa entrada, no entanto, não se esgotam no questionamento da identidade cuidadora, mas também tornam claras como o não valor do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres está diretamente ligado ao fato deste trabalho ser exercido na família. Em alguma medida, é o contrato de casamento e a força da célula familiar que permitem que a força de trabalho das mulheres seja apropriada de modo desmonetizado (Singly, 2007; Devreux, 2005) e que seja pensada em termos de reciprocidade e solidariedade, ou seja, em termos de obrigações morais.

3.1 Trabalho produtivo e reprodutivo

A nova fase da família contemporânea⁹⁰ (Singly, 2007) já com a expressiva presença das mulheres no mercado de trabalho, torna patente a necessidade de repensar a distribuição do cuidado realizado nas e pelas famílias. Uma vez que perde força a figura da mulher cuidadora em tempo integral, novos arranjos são necessários para garantir a reprodução familiar. Assim, parte da nova demanda por cuidado será suprida pelo mercado de trabalho, através da realização do cuidado pago, isto é, aquele realizado em troca de um salário (England, 2005).

⁹⁰ Singly (2007) caracteriza essa nova fase a partir de três elementos, que dizem respeito à relação entre os sexos, são eles: a diminuição da dependência da mulher em relação ao homem; a permanência da divisão sexual do trabalho e; o questionamento dos papéis sexuais oriundos do casamento e da conjugalidade (p. 158).

Assim, a possibilidade que algumas mulheres tem de entrada no mercado de trabalho está subordinada ao fato de que outras pessoas – em geral também mulheres – desempenhem as funções de cuidado no regime assalariado, seja nos próprios domicílios ou em instituições, como creches, escolas e asilos. Nota-se que, para as mulheres, o desvencilhamento da situação de cuidadora está condicionado ao fato de que outras mulheres tomem para si essa tarefa, ou seja, para que algumas deixem de cuidar, é necessário que outras passem a fazê-lo, agora movidas pela necessidade de prover e não mais em nome das reciprocidades e solidariedades familiares. Pode-se falar então de uma rede de cuidados que mobiliza especialmente as mulheres que, sob as dinâmicas e demandas do mercado de trabalho, e a depender das condições que conformam sua entrada nesse mercado, cuidam e deixam de cuidar.

Para compreender a intrincada teia pela qual se produz o trabalho de cuidado, portanto, é preciso estar atento para as inter-relações entre a esfera produtiva e a esfera reprodutiva. Como argumenta Bruschini (2007), é na articulação entre o mercado do trabalho, o mundo doméstico e as relações sociais de gênero que o trabalho feminino pode ser compreendido.

A articulação entre trabalho reprodutivo e trabalho produtivo no que toca a divisão sexual do trabalho pode ser vista: (i) na maneira como a responsabilidade com o trabalho reprodutivo impacta a inserção das mulheres no mercado de trabalho, como foi brevemente exposto acima e; (ii) nos *tipos* de inserção das mulheres na esfera produtiva, uma vez que parte considerável das mulheres trabalhadoras está inserida em funções que se ligam diretamente à *reprodução* social – como é o caso, aqui tratado, das cuidadoras.

Nesse sentido, nas seções seguintes visarão discutir – discuto como, de um lado, o (não) reconhecimento do trabalho de cuidado não pago é transferido para o trabalho pago e; como a lógica da reciprocidade e da solidariedade familiar do cuidado não pago se faz presente no momento em que esta atividade passa a ser mediada pelo dinheiro.

4. Trabalho de cuidado e desvalorização

Para alguns teóricos, as relações entre homens e mulheres podem ser entendidas a partir da ótica dos antagonismos e da dominação, como é o caso, por exemplo, de Bourdieu (2002), Ortner (1979) e Devreux (2005), no entanto, pode haver divergência, no que toca a produção teórico-analítica desses autores, em relação aos modos de instauração e de exercício dessa dominação. Enquanto Bourdieu chama atenção para as formas simbólicas de dominação e para o aparato cognitivo pelo qual as mulheres são colocadas em posição de subalternidade, Ortner e Devreux se debruçam sobre os modos como a desvalorização opera tanto em termos materiais como em termos ideais, ou se preferirmos, tanto pela ordenação do lugar estrutural que cabe às mulheres, como pela atribuição de sentido e valor a essas ordenações.

A ordenação do gênero vai além, portanto, da criação de papéis diferenciais para homens e mulheres, e da atribuição de 'feminilidade' e 'masculinidade' aos diferentes tipos de conduta, mas constitui-se também, e principalmente, a partir da atribuição de valor diferencial e prestígio diferencial aos diferentes papéis e posições ocupados (Ortner, 1990; Devreux, 2005). Em alguma medida, a criação de papéis diferenciais está numa relação de mútua implicação com a atribuição de valores a esses papéis, de maneira que o mundo é, nesse sentido, cognitivamente generificado (Bourdieu, 2002). Ou seja, o esquema

que atribui diferenças entre homens e mulheres instaura, necessariamente, hierarquias sobre o que os homens e as mulheres são *essencialmente* e sobre como essa essência impacta seu valor e o valor do que é caracterizado como feminino ou masculino.

Assim, entende-se que a lógica da simbolização que atribui valor negativo ao feminino opera também pela depreciação do trabalho realizado pelas mulheres (England, 2005). Dessa forma, a criação da alteridade ao masculino depende tanto da representação que se faz do feminino quanto da criação de lugares e espaços sociais pouco valorizados onde o feminino é enquadrado. Nesse sentido, a depreciação do feminino é um processo que diz respeito tanto a produção de valores sobre o feminino quanto à organização social, sendo a esfera do trabalho *locus* importante dessa depreciação (Hirata e Kergoat, 2003).

4.1 O cuidado pago e a desvalorização

O trabalho de cuidado realizado pelas mulheres no âmbito doméstico é simbolizado enquanto não-trabalho e é tido como exercício das funções naturais femininas, parte do *savoir-faire* aprendido e reproduzido enquanto parte da socialização das mulheres – por oposição ao trabalho produtivo gerador de dividendos dos homens. Quando esse mesmo trabalho torna-se monetarizado, sua desvalorização o acompanha. Tal fato pode ser comprovado pelos baixos salários⁹¹ recebidos e as condições de trabalho precárias, especialmente no que se refere ao cuidado pouco especializado – como é o caso do cuidado de idosos.

É interessante notar que, ao tornar-se mercadoria, o cuidado continua profundamente firmado sob a divisão sexual de trabalho e serve à reprodução das assimetrias de gênero. O cuidado conserva-se, assim, enquanto domínio sob o qual se instauram posições sociais relativas ao gênero e *valores* associados à feminilidade:

In this sense, care and domestic work are expressions of social relations. If care and domestic work were actually recognized as highly skilled activities, it would question the overall evaluation of such work as a constituent of the exchange relationship between the genders and also between paid and unpaid work [...] The notion of "unskilled" reflects the biased perception in society of care and domestic work as inferior work, emptied of social and cultural value (Gutiérrez Rodríguez, 2007, p. 73).

Parte dos dados apresentados a seguir são fruto de uma pesquisa realizada com cuidadoras em ILPs do Distrito Federal, entre 2008 e 2010. Foram entrevistadas 25 cuidadoras, de 14 ILPs públicas e privadas⁹². As entrevistas foram gravadas e transcritas. Além disso, participei de um curso de formação de cuidadoras que contava com aulas práticas em uma instituição pública, durante um mês, aos fins de semana, de modo que tive a possibilidade de realizar atividades de cuidado, observar a rotina da

⁹¹ É ponto pacífico entre as teóricas do gênero que as ocupações em que as mulheres são maioria são aquelas com mais baixos salários mesmo quando comparadas com ocupações de mesmo nível educacional, habilidades e condições de trabalho onde os homens são maioria (England, 2005). Ou seja, o 'gender gap in pay' não afeta apenas as ocupações de cuidado, mas também aquelas em que as mulheres predominam.

⁹² As entrevistas foram produzidas como parte de uma pesquisa intitulada "Envelhecimento das Mulheres: Práticas Institucionais de Violência e Abandono", sob a coordenação das professoras Lourdes Maria Bandeira e Analía Soria Batista e teve o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP.

instituição e de conversar informalmente com outras cuidadoras. As impressões foram registradas em um diário de campo e serviram para análise posterior⁹³.

Em pesquisa realizada com cuidadoras em ILPs do Distrito Federal, verificou-se que embora uma parte delas estivesse no mercado formal, isto é, as cuidadoras trabalhavam com carteira assinada e recebiam benefícios como férias, 13º e licença-maternidade, o salário recebido raramente ultrapassava a marca de um salário mínimo e meio. Além disso, sua jornada de trabalho (em geral elaborada em regime de 12 horas de trabalho seguido por 36h de descanso) era considerada por elas como exaustiva. Nas ILPs públicas era comum que as cuidadoras se queixassem em relação à sobrecarga de trabalho devida a baixa proporção de cuidadores em relação ao número de idosos atendidos.

Em relação à valorização social de sua profissão, as cuidadoras relataram que embora por vezes fossem vistas como exercendo um trabalho ‘nobre’ na medida em que assistiam pessoas dependentes e frágeis do ponto de vista da saúde e da proteção social, seu trabalho era também identificado como duro, pesado e pouco atrativo. A nobreza do trabalho de cuidado residiria justamente na dificuldade tida como conformadora da própria experiência de cuidar de alguém, no sentido de que são fortes as mulheres que se submetem a essa experiência.

4.2 A dimensão corporal do trabalho de cuidado

Um ponto importante para atribuição de valor ao trabalho de cuidado – e que impacta significativamente o cuidado de idosos – é que ele necessariamente envolve *body work* (Twigg, 2000). Nesse sentido, é importante considerar ainda que as mulheres estão sobrerrepresentadas nos trabalhos que envolvem o corpo (Twigg, 2000). A autora afirma que a condição de *body work* do cuidado (a atuação dos cuidadores sobre o corpo dos idosos e doentes, dando-lhes banho, colocando suas roupas, trocando suas fraldas⁹⁴) e o fato dele ser um trabalho fortemente marcado pelo gênero, contribuem para sua desvalorização e para sua consideração como *dirty work*⁹⁵, embora seja reconhecido que este trabalho precisa ser feito por alguém e que inclusive ele seja considerado nobre em certo sentido. Em entrevista, quando perguntada sobre o reconhecimento do seu próprio trabalho pelas pessoas, uma cuidadora ressaltou essa dimensão:

Algum idoso reconhece, fala assim: “nossa filha, eu não tinha coragem de enfrentar isso”. Eu labutando com ele próprio e ele fala: “não tenho essa coragem”. Os de fora às vezes também reconhecem, outros não, outros criticam você (Entrevista realizada com a cuidadora Eliane).

Assim, pode-se inferir que as cuidadoras atuam sobre o corpo do outro, sendo este um corpo

⁹³ Mais informações sobre a participação da autora no curso e sua atuação como cuidadora e pesquisadora podem ser encontradas em: Araujo (2011).

⁹⁴ E note-se que as cuidadoras não só lidam com o corpo alheio, mas lidam com seus aspectos mais deteriorados e mais poluídos.

⁹⁵ *Dirty Work* é um termo desenvolvido por Hughes (1993) [1962] e que qualifica trabalhos cujas atividades consistem em lidar com questões que a sociedade, de modo geral, não sabe ou não quer lidar, pois são moralmente difíceis. O termo foi inicialmente desenvolvido para falar do trabalho dos alemães em campos de concentração, mas pode ser usado para falar de uma diversidade de trabalhos e ocupações.

perigoso, poluído, na acepção de Mary Douglas⁹⁶. Para Twigg (2000), o trabalho de cuidado exige que se lide com as impurezas corporais, o que envolve também lidar com a sujeira e o nojo. Ter que manejar as impurezas envolve sempre o risco de contaminação – seja ela física ou moral. O que importa, nesse caso, é que há pessoas – em geral mulheres, e entre as mulheres, apenas algumas mulheres – *mais sujeitas* a essas contaminações, pessoas que lidam com o que muitos não gostariam de lidar e dizem não *conseguir* lidar. Boa parte das atividades de cuidado envolve o toque e a necessidade de atuar sobre os processos corporais, o que fere o espaço das individualidades, privacidades e autonomia associadas à modernidade e muitas vezes geram embaraço. Sem dúvida, a ligação intrínseca que as cuidadoras – estabelecem com corpos física – e simbolicamente – doentes, desnudos e decrépitos é um fator importante para a sua desvalorização profissional e social.

Não é por acaso, portanto, que como estratégia de produção do valor simbólico de sua ocupação, as cuidadoras tenham enfatizado, durante as entrevistas, a porção de seu trabalho que remete às atividades pouco ‘corporificadas’ como conversar com os idosos, estabelecer relações de proximidade com eles e mediar a relação entre os idosos e suas famílias:

Eu acho que isso aí é o cuidado. Você tá ali perto pra conversar, às vezes até pra ouvir. Que tem muitos que querem ser ouvidos né? Quer conversar, ou quer atenção. Que nem a Dona Rosa que eu te falei, ela fala “ah, porque ninguém tá dando atenção pra mim” Porque na casa dela parece que tinha uma pessoa só pra segurar a mão dela o dia todo, aí aqui não tem e ela fica “ah, porque aqui só dá atenção pros outros, ninguém dá atenção pra mim” Tem aquele ciúme, aquela coisa né? Mas o cuidado é isso, você tá ali perto, dá carinho, dá atenção, acho que tudo isso é uma forma de você cuidar. Não só na aparência, no banho, na comida, mas de tudo de uma forma geral. Eu acho que cuidado seria isso né? Você tá ali amparando, prestar atenção no todo do idoso, se ele tá ali, se tá alegre, se ele comeu, se ele dormiu (Entrevista com a cuidadora Adriana).

É esse tipo de atividade que elas próprias valorizam, em geral, ao mesmo tempo em que minimizam as atividades ligadas ao corpo, que por sua vez remetem à poluição e à contaminação, e conseqüentemente, à desvalorização.

4.3 Múltiplos marcadores da diferença no trabalho de cuidado

Em relação ao trabalho de cuidado, algumas autoras (cf. Hochschild, 2012; Hirata e Guimarães, 2012) vem destacando como ele se caracteriza não só pela generificação, mas por trazer à tona questões relativas a marcadores como classe e raça. Twigg (2011) afirma que:

Bodily differences may sometimes have a physical dimension, such as the frailty of older bodies. At other times differences are not due to physical power but nonetheless take a bodily form, such as racialised or class markers of social hierarchy. These differences may be rendered more salient, for both worker and recipient, by the close bodily intimacy

⁹⁶ Esta autora, inclusive, discorre sobre como as fronteiras exteriores, e seus excrementos, são fonte de perigo, e por isso ligados ao baixo *status* de quem precisa lidar com elas. Podemos pensar, por exemplo, na profissão de gari, ou ainda, recorrendo a um exemplo da autora, como na sociedade de castas indiana, as castas mais baixas realizam os trabalhos mais impuros. As pessoas mais desvalorizadas são encarregadas de cortar cabelos, vestir cadáveres e lavar roupa (DOUGLAS, 1991).

É importante considerar que, graças a sua desvalorização e sua natureza poluidora, as tarefas de cuidado de idosos têm sido relegadas a corpos também poluídos: mulheres de setores de classe baixa, de minorias étnicas e raciais, migrantes, subalternas. A noção de poluição permite ver como a desvalorização do trabalho de cuidado é retroalimentada pela própria desvalorização dos corpos que performam o cuidado.

A partir disso é fácil compreender o fato de que as mulheres – e dentre estas apenas algumas mulheres – estão sobrerrepresentadas nas atividades que envolvem tanto o trabalho de cuidado não pago quanto o trabalho de cuidado pago, funções desvalorizadas e que se associam ao que seria “natural” às – inscrito na fisicalidade, no corpo das – mulheres, isto é, a reprodução física e social da humanidade.

Embora questões relativas à classe e à raça não tenham aparecido durante as entrevistas, é inegável que essas dimensões conformam e informam a figura da cuidadora. Na pesquisa, verificou-se que as cuidadoras são em geral, mulheres negras ou pardas, muitas oriundas de estados do Norte e Nordeste, com renda familiar baixa e que moram nas zonas periféricas da capital. Ou seja, o cuidado deixa ver mais do que relações de gênero, mas sua conexão com questões de raça e classe, uma vez que as cuidadoras não estão igualmente distribuídas entre as classes e entre as raças.

Entender a multiplicidade e as interconexões entre as hierarquias e os marcadores acionados no trabalho de cuidado é fundamental para que se possa compreender melhor a natureza desse trabalho e desvendar como se constrói e se mantém sua desvalorização⁹⁷.

5. Cuidado pago e não pago: tensões e conciliações

A socialização familiar institui as mulheres como as principais cuidadoras de pessoas vulneráveis, como foi exposto acima. A naturalização do cuidado feminino se perpetua na medida em que se reproduz enquanto preceito moral⁹⁸:

Virtue, selflessness and morality increasingly became the preserve of women, or rather, of the wives and mothers confined to the domestic sphere: only by giving up all self-interest and “living for others” could women achieve the purity that allowed them to establish moral reference points for the families and for society at large (Crompton, 2006, p. 34).

O cuidado, quando mercantilizado, continua a ser realizado por mulheres, isto é, por agentes cuja socialização foi pautada pela valorização da solidariedade e do altruísmo. Nesse sentido, cabe perguntar em que medida esses ideais se mostram presentes uma vez que o cuidado passa a ser norteado pela lógica do ganho econômico. Ou seja, em que medida o princípio da reciprocidade que é central ao cuidado familiar se faz presente na realização do cuidado pago.

Durante a pesquisa, era comum ouvir relatos de que as cuidadoras se vissem como mais do que

⁹⁷ No mundo globalizado pós-colonial, a rede de cuidados atinge escalas transnacionais, de modo que as cuidadoras migrantes são mais sensíveis às questões de estigmatização e proteção social.

⁹⁸ Pode-se observar o peso dessa moralidade ao se constatar que mulheres que decidem não cuidar (abdicando da tarefa de ter filhos ou deixando seus pais sob o cuidado de instituições asilares, por exemplo) são por vezes estigmatizadas (Crompton, 2006).

trabalhadoras, considerando-se também amigas, companheiras e confidentes dos idosos, estabelecendo densos laços afetivos para com eles. Ou seja, no trabalho de cuidado, as capacidades e competências subjetivas e afetivas das cuidadoras são demandadas e consumidas (Gutiérrez Rodríguez, 2007, p. 71).

As relações de amizade e carinho com os idosos eram significadas enquanto motivos de alegria e satisfação para as cuidadoras, além de serem, para elas, facilitadoras do trabalho, conforme colocam: “É muito trabalho, mas com amor fica mais fácil, é muito gratificante trabalhar com idosos”. Ou ainda: “Tem que ter muito amor, muito carinho. É essencial... tem que ter muito amor.” Ou como coloca Joana⁹⁹:

Esses velhinhos aqui passou (sic) a ser assim da minha família, eu amo mesmo, cada um assim, pra mim não tem um melhor do que o outro, aqui todos são iguais, sabe? O amor que eu tenho por um eu tenho por todos. Não tem diferença pra mim, eu gosto muito. E pra mim é compensador, nossa! Assim, eu não vou dizer pra você que no final do dia você não está exausta, você tá, sabe? Porque eles sugam muito a sua energia, sabe? Você se dá muito. Aí no final do dia você está assim, só o caco, sabe? Mas, é assim, é compensador, sabe? Eu tenho assim minha consciência tranquila, quando eu deito no meu travesseiro eu penso: “Hoje eu fiz a minha parte.” Sabe? “Eu hoje, eu contribuí mais um pouquinho.” Eu sempre penso assim, sabe? (Entrevista realizada com a cuidadora Joana).

Assim, o cotidiano do cuidado é significado pelas cuidadoras enquanto um momento de estabelecimento de laços de afeto e intimidade com os idosos, aos quais dizem cuidar ternamente. A busca pelo bem-estar dos idosos não se encerra no cuidado ao corpo, à higiene e à alimentação, mas engloba também a busca pela saúde emocional do idoso, e as cuidadoras entendem que para que se possa cumprir com essa demanda é preciso que elas estejam emocionalmente próximas dele.

Muitas cuidadoras dizem que para cuidar é necessário ter *dom*. Esse dom diz respeito à necessidade de colocar o outro – o idoso – em primeiro lugar e ao esforço de buscar sempre fazer o “melhor” para ele. O dom é, nesse sentido, uma disposição moral, que, oriunda da socialização feminina, garante que o cuidado seja estabelecido em torno de laços de reciprocidade, solidariedade e altruísmo. Ser uma boa cuidadora implica, por conseguinte, estar atenta às demandas do outro e exercer a profissão com amor sob pena de não ser uma “cuidadora de verdade” ou uma “boa cuidadora”:

Não vai ser cuidador pra ficar rico, tem que gostar, tem que ter empatia, se colocar no lugar do outro... Se não gostar do que faz é um problema... Por isso que tem gente aí batendo em paciente (Entrevista concedida pela cuidadora e enfermeira Juliana).

5.1 Os conflitos e negociações resultantes das demandas emocionais do trabalho de cuidado

O sentimento de amor das cuidadoras, no entanto, pode desencadear conflitos e tensões, especialmente no que se refere à dificuldade de negociar o número de horas trabalhadas, o salário e as folgas (Zelizer, 2012). Isso não quer dizer que as cuidadoras abdicuem de quaisquer demandas trabalhistas, mas que, conforme foi recorrentemente ouvido nas entrevistas, o apego emocional que elas desenvolvem com as pessoas cuidadas atua como dificultador nas barganhas por melhores condições, no

⁹⁹ Os nomes das entrevistadas foram alterados a fim de manter o anonimato.

sentido de que as cuidadoras podem entender que de alguma forma a satisfação gerada pelos laços emocionais atuaria como um amenizador das precárias condições de trabalho, ou ainda, como impeditivo da decisão de deixar a profissão¹⁰⁰.

Muitas vezes ocorre da pessoa cuidada – ou da pessoa que contrata o serviço de cuidado – ter uma expectativa em relação ao que constitui o cuidado e como ele deve ser realizado diferente daquela manifesta pela cuidadora (Zelizer, 2012). Uma das cuidadoras com quem convivi relatou que durante algum tempo trabalhou na residência de um idoso bastante dependente o qual não havia desenvolvido boas relações com as cuidadoras anteriores. Laços de amizade e afeto entre os dois foram sendo estabelecidos ao longo do tempo e a saúde e a disposição do idoso logo melhoraram. Os familiares do idoso ao perceber essas mudanças, passaram a requisitar cada vez mais a presença da cuidadora que passou a ter um horário de trabalho mais longo e por vezes lhe era demandado que cumprisse horas extras, recebendo os devidos adicionais salariais para tal. Passado algum tempo, a cuidadora alegou que estava se sentindo sobrecarregada pelas demandas emocionais do trabalho, tornando-se muito ‘apegada’ ao idoso e que havia deixado, inclusive, de cuidar da própria família para passar mais tempo com ele e que por fim, depois de alguns meses, decidiu deixar seu emprego¹⁰¹.

Ouvi ainda relatos de cuidadoras em ILPs que se diziam insatisfeitas diante da incompatibilidade entre realizar atividades de cuidado sob o prisma da atenção às individualidades e da dedicação ao mesmo tempo em que é preciso atender a uma lógica *taylorista* onde todas as atividades são rotinizadas, com horários fixos e onde se faz necessário cuidar de vários idosos em pouco tempo¹⁰². Elas diziam que alguns idosos ao julgar que não estavam recebendo zelo ou carinho suficiente por parte das cuidadoras, devido à escassez de tempo, começavam a fazer “birra”, isto é, agiam de modo a expressar seu descontentamento frente à atitude das cuidadoras em busca de atenção.

Assim, a asserção de Crompton (2006, p. 192) para quem o trabalho de cuidado aparece como requerendo poucas habilidades parece insuficiente para dar conta da complexidade deste trabalho. O trabalho de cuidado pago de fato prevê o uso de habilidades que são consideradas naturais para as mulheres, na medida em que são oriundas da socialização feminina e da aquisição de disposições generificadas sobre *como* cuidar. No entanto, essas disposições são atualizadas e negociadas, de modo que se supõe que a cuidadora *deva* ter as habilidades necessárias para lidar com as demandas emocionais ao mesmo tempo em que opera pela rotina *taylorizada* da produção.

Nesse sentido, o cuidado pago reedita certos preceitos e práticas derivadas da socialização feminina direcionada para o cuidado familiar (não pago). A transformação do cuidado em mercadoria não implica, portanto, que ele passe a ser orientado por uma lógica estritamente econômica, associada à economia neoclássica, que prevê a maximização de ganhos, o uso otimizado/funcional do tempo e a racionalização ilimitada das ações. A presença de uma ordenação baseada na reciprocidade e na solidariedade no

¹⁰⁰ Gutiérrez Rodríguez (2007, p. 71) em sua pesquisa sobre trabalhadoras domésticas/cuidadoras migrantes, cita o caso de uma profissional que estabeleceu laços de dependência emocional tão profundos com seu empregador idoso que simplesmente não via como deixar seu emprego. A intimidade funciona, nesses casos, como uma espécie de armadilha que limita a “livre escolha” das cuidadoras em relação às tomadas de decisão sobre seu próprio trabalho.

¹⁰¹ O caso em questão também permite ver como pode ser complexa a articulação, para as mulheres, entre trabalho e família. Cuidar dos ‘outros’, em troca de um salário pode resultar na falta de cuidado para com aqueles que pertencem ao núcleo familiar (Hochschild, 2012). Nesse sentido, faz-se necessário, como foi exposto acima, compreender o trabalho remunerado e o não remunerado enquanto dimensões inter-relacionadas do trabalho social (Sorj *apud* Bruschini, 2007).

¹⁰² Em pesquisa realizada por Batista e Araujo (2011) verificou-se que nas ILPs do Distrito Federal, cada cuidadora é responsável, em média, por 13,22 idosos. Uma média acima da apontada por Camarano, que consistia em 4,7 residentes para cada cuidador (2009).

contexto do cuidado pago não implica, no entanto, que a ordenação mercantil e econômica não tenha espaço. O que ocorre, de fato, é a constante tensão entre as duas ordens, tanto no equacionamento entre demandas emocionais e remuneração; na acomodação entre as exigências de produtividade e de economia do tempo e a necessidade de atenção individualizada e outras situações que não foram exploradas aqui. De modo que é possível afirmar que o cuidado pago, em geral, prevê a existência de uma complexa negociação a respeito da mediação entre trabalho, relações interpessoais e formas de compensação, e seus resultados variam (Zelizer, 2012).

6. Considerações Finais

O cuidado é um trabalho desvalorizado. Este texto buscou analisar de que modo se opera essa desvalorização; como a desvalorização passa do trabalho não pago ao trabalho pago e quais são as continuidades e descontinuidades entre o trabalho de cuidado não pago realizado na família pelas mulheres e o trabalho de cuidado enquanto mercadoria no que se refere às demandas emocionais do trabalho e como ele é socialmente percebido.

As continuidades e descontinuidades entre trabalho de cuidado não pago e trabalho de cuidado pago deixam ver como a esfera da reprodução e a esfera da produção são interligadas, e que para que o trabalho das mulheres seja plenamente compreendido é preciso estar atento a essas conexões.

Em relação à relativa continuidade entre as demandas do cuidado não pago e as demandas do cuidado pago e a decorrente preservação dos mecanismos e disposições que orientam o trabalho de cuidado, buscou-se não operar a partir de uma lógica dicotômica que vê como mutuamente excludentes a dinâmica do interesse econômico e a dinâmica das reciprocidades. Tampouco se buscou fazer uma ‘denúncia’ do trabalho de cuidado pago, como o fazem alguns, que alegam que o dinheiro corromperia os verdadeiros sentidos e motivos da prática. Em suma, é na tensão entre as dinâmicas do mundo das mercadorias e do mundo das reciprocidades e nas negociações que se estabelecem entre eles, que a complexidade do trabalho de cuidado pode ser apreendida.

Por outro lado, as articulações entre trabalho de cuidado não pago e trabalho de cuidado pago devem ser investigadas na medida em que o modo como opera a divisão sexual do trabalho nesses dois eixos é responsável por uma parcela significativa da desigualdade de poderes entre homens e mulheres e da dominação dos primeiros sobre as últimas. Nesse sentido, uma vez que a domesticação de mulheres não é mais capaz de absorver a demanda pelo cuidado, é preciso buscar novas soluções (Crompton, 2006). E mais do que novas soluções, é preciso buscar modos de que a absorção da nova demanda resulte em situações mais favoráveis e menos penosas para as mulheres.

Referências

ARAUJO, Anna Bárbara. “Trabalho e Afeto: a relação entre cuidadores e idosos em uma Instituição de Longa Permanência”. *Revista Habitus*, v. 9, 2011.

BATISTA, Analía Soria; ARAUJO, Anna Bárbara. "Intimidade e mercado: o cuidado de idosos em instituições de longa permanência". *Sociedade e Estado*, v. 26, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUSCHINI, Maria Cristina. "Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?". In: ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia. E SCALON, Celi. (orgs). *Nova Conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru: EDUSC, 2007.

CAMARANO, Ana Amélia. (coord.) *Características das Instituições de Longa Permanência para Idosos: Região Centro-Oeste*. Brasília: IPEA, 2008.

CAMARANO, Ana Amélia *et al.*. "Como vive o idoso brasileiro?". In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CROMPTON, Rosemary. *Employment and the Family: The Reconfiguration of Work and Family Life in Contemporary Societies*. Cambridge: University Press, 2006.

DEVREUX, Anne-Marie. "A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina". *Sociedade e Estado*, volume 20, n.3, 2005.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ENGLAND, Paula. "Emerging Theories of Care Work". *Annual Review of Sociology*, vol. 31, 2005.

GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ, Encarnation. "The "Hidden Side" of the New Economy: On Transnational Migration, Domestic Work, and Unprecedented Intimacy". *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 28, n. 3, 2007.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. "Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão". *Revista de Sociologia e Antropologia*, vol. 01, n. 01, 2011.

_____. "Introdução". In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho de care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. "A divisão do trabalho revisitada".

HIRATA, Helena. e MARUANI, Margaret. (Orgs). *As Novas Fronteiras da Desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*, 2003.

HOCHSCHILD, Arlie. "Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel". In: HIRATA, Helena;

k

GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho de care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

HUGHES, Everett C. "Good people and dirty work". In: *The Sociological Eye*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993.

ORTNER, Sherry B. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?". In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. *A mulher a cultura a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. "Gender Hegemonies". *Cultural Critiques*, no. 14, 1990.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TRONTO, Joan. "Assistência democrática e democracias assistenciais". *Sociedade e Estado*, v. 22, n. 2, 2007.

TWIGG, Julia. "Carework as a form of bodywork". *Ageing and Society*, vol. 20, 2000.

TWIGG, Julia *et.al.* "Conceptualising body work in health and social care". *Sociology of Health & Illness*, vol. 33, n. 2, pp. 171-188, 2011.

WEEKS, Kathi. "Vida no e contra o trabalho: afetos, crítica feminista e política pós-fordista". *Lugar Comum*, n. 25-26, 2008.

ZELIZER, Viviana. "A Economia do care". In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho de care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.